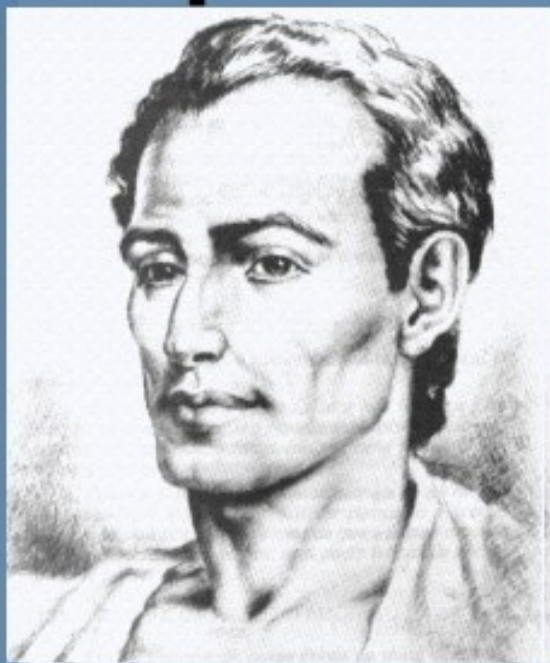


# Religião dos Espíritos



*Emmanuel*

**Psicografia - Chico Xavier**

**CAPÍTULO LVIII – Ante os que partiram**

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LVIII)**

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LVIII)

### Índice

<b>Assunto</b>	<b>Origem</b>	<b>Página</b>
Capítulo LVIII – Ante os que partiram	O Consolador	04
Complementos		
Espiritismo e consolação	O Consolador	05
A oração ajuda os desencarnados	O Consolador	07
Patente conforto	O Consolador	08

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LVIII)

### **Ante os que partiram Reunião pública 24/08/1959 Questão 936**

Nenhum sofrimento, na Terra, será talvez comparável ao daquele coração que se debruça sobre outro coração regelado e querido que o ataúde transporta para o grande silêncio.

Ver a névoa da morte estampar-se, inexorável, na fisionomia dos que mais amamos, e cerrar-lhes os olhos no adeus indescritível, é como despedaçar a própria alma e prosseguir vivendo.

Digam aqueles que já estreitaram de encontro ao peito um filhinho transfigurado em anjo da agonia; um esposo que se despede, procurando debalde mover os lábios mudos; uma companheira cujas mãos consagradas à ternura pendem extintas; um amigo que tomba desfalecente para não mais se erguer, ou um semblante materno acostumado a abençoar, e que nada mais consegue exprimir senão a dor da extrema separação, através da última lágrima.

Falem aqueles que, um dia, se inclinaram esmagados de solidão, à frente de um túmulo; os que se rojaram em prece nas cinzas que recobrem a derradeira recordação dos entes inesquecíveis; os que caíram varados de saudade, carregando no seio o esquife dos próprios sonhos; os que tatearam, gemendo, a lousa imóvel, e os que soluçaram de angústia, no ádito dos próprios pensamentos, perguntando, em vão, pela presença dos que partiram.

Todavia, quando semelhante provação te bata à porta, reprime o desespero e dilui a corrente da mágoa na fonte viva da oração, porque os chamados mortos São apenas ausentes e as gotas de teu pranto lhes fustigam a alma como chuva de fel.

Também eles pensam e lutam, sentem e choram. Atravessam a faixa do sepulcro como quem se desvencilha da noite, mas, na madrugada do novo dia, inquietam-se pelos que ficaram... Ouvem-lhes os gritos e as súplicas, na onda mental que rompe a barreira da grande sombra e tremem cada vez que os laços afetivos da retaguarda se rendem à inconformação ou se voltam para o suicídio.

Lamentam-se quanto aos erros praticados e trabalham, com afincos, na regeneração que lhes diz respeito.

Estimulam-te à prática do bem, partilhando-te as dores e as alegrias.

Rejubilam-se com as tuas vitórias no mundo interior e consolam-te nas horas amargas para que te não percas no frio do desencanto.

Tranquiliza desse modo, os companheiros que demandam o Além, suportando corajosamente a despedida temporária, e honra-lhes a memória, abraçando com nobreza os deveres que te legaram.

Recorda que, em futuro mais próximo que imaginas, respirarás entre eles, comungando-lhes as necessidades e os problemas, porquanto terminarás também a própria viagem no mar das provas redentoras.

E, vencendo para sempre o terror da morte, não nos será lícito esquecer que Jesus, o nosso Divino Mestre e Herói do Túmulo Vazio, nasceu em noite escura, viveu entre os infortúnios da Terra e expirou na cruz, em tarde pardacenta, sobre o monte empedrado, mas ressuscitou aos cânticos da manhã, no fulgor de um jardim.

### Espiritismo e consolação

Emmanuel, na mensagem Ante os que Partem por meio da psicografia de Francisco Cândido Xavier, afirma: “Nenhum sofrimento na Terra será comparável ao daquele coração que se debruça sobre outro coração regelado e querido que o ataúde transporta para o grande silêncio”.

É uma verdade inquestionável esta apresentada pelo respeitável benfeitor espiritual; no entanto, não é menos verdade que esse sofrimento será bem maior naqueles que cultivam uma falsa idéia a respeito da morte, interpretando-a como uma separação sem fim.

Com o conhecimento espírita, toda dor resultante da separação será atenuada; através dele, encontramos argumentos mais do que suficientes para demonstrar que a vida continua após o decesso físico.

O conhecimento a respeito da comunicabilidade entre o mundo material e o espiritual, e da reencarnação, despertam a certeza a respeito da imortalidade da alma e, conseqüentemente, acende a chama da esperança de um possível reencontro. Movidos por essa certeza, embora chorando a dor da saudade, pelos entes queridos, jamais nos revoltaremos. Estancaremos as nossas lágrimas por compreendermos que a morte não é uma separação sem fim.

A vasta informação trazida a lume pela literatura espírita faz-nos interpretar a vida como uma sucessão indefinida de partidas e chegadas. Enquanto uns chegam, iniciando o estágio no corpo físico, outros, que o concluem, retornam à pátria de origem. Esse processo de chegadas e partidas, em hipótese alguma, desfaz os laços de amor que nos une aqui na Terra.

Há, nesse fenômeno, certa relatividade que podemos assim descrever: Para os que ficam no corpo físico, os que retornam à espiritualidade partiram, deixando um clima de intensa saudade; entretanto, para os que se encontram na espiritualidade, eles chegaram, proporcionando um clima de intensa alegria.

O fenômeno é semelhante a uma viagem. Quando alguém no aeroporto (mundo material) embarca em um avião (fenômeno da morte), os familiares e amigos que ficam, apesar da saudade, lhe desejam “boa viagem”; já no aeroporto de destino (mundo espiritual), alguém o estará, aguardando, ansioso para lhe desejar “boas vindas”.

Apesar de ausente, para os que ficaram no aeroporto de origem, quem partiu não deixou de existir; poderá comunicar-se através de carta ou telefonema e, dependendo da necessidade, poderá retornar. Em semelhante interpretação, aquele que desencarnou não deixou de existir; ele poderá comunicar-se através da mediunidade (ou sonho), e, se for necessário, retornar ao seio da mesma família, através da reencarnação.

Esta é a realidade, que o Espiritismo nos apresenta, assumindo a condição de consolador, conforme fora predito por Jesus: “Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: – O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LVIII)**

absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo eis, porque ficará convosco e estará em vós. – Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito”. (S. JOÃO, cap. XIV, vv. 15 a 17 e 26.).

Todos os que, um dia, sofreram com a separação de entes queridos, através da morte, e, sob intensa dor, comunicaram-se com estes através da mediunidade, concluíram que a vida continua abundante no plano espiritual, mudaram de atitude, encontrando o conforto necessário.

A mediunidade representa muito bem uma ponte divina ligando o plano físico ao plano espiritual. É um bálsamo que a misericórdia divina legou à humanidade para que a dor da separação pela morte não se tornasse insuportável.

Quanto à reencarnação, favorecendo o retorno do Espírito à vida corporal, abre-lhe também as portas da oportunidade para reparação dos erros cometidos em vidas passadas e o reencontro com aqueles que ama ou que precisa aprender a amar.

Maravilhosa Doutrina esta que, há 150 anos, ilumina consciências e conforta corações. Com a lógica insofismável dos seus postulados, responde às dúvidas mais comuns da humanidade, e apresenta solução para um dos seus maiores problemas:

**O problema do ser, do destino e da dor.**

**F. Altamir da Cunha**, Espiritismo e consolação – O Consolador – Nº 27 – 19/10/2007.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LVIII)

### A oração ajuda os desencarnados

Quando sentimos saudade dos parentes, ou dos amigos que estão vivendo muito distantes de nós, simplesmente telefonamos para eles, matando a saudade. Assim acontece, também, quando sentimos falta dos entes queridos que partiram para o mundo espiritual, e falamos com eles através da oração.

Para tanto, usamos o “celular” do nosso pensamento, pois, ao orarmos, emitimos um fio luminoso que é impulsionado pelo sentimento de amor, que vai em direção a esses Espíritos que continuamos amando e que continuam a nos amar. Pelo “celular” do nosso pensamento, podemos ligar para eles de qualquer lugar onde estejamos.

Por isso é que não precisamos ir ao cemitério no Dia de Finados, para orar em favor dos nossos parentes e amigos desencarnados. A nossa oração pode ser feita em casa, no hospital, na prisão, no templo religioso, enfim, não importa o lugar, desde que a oração seja feita com sinceridade.

Se eles são felizes, com as nossas preces aumentamos, ainda mais a felicidade deles; e caso estejam sofrendo, como os Espíritos dos suicidas, por exemplo, as nossas orações têm o poder de suavizar as suas amargas dores espirituais pelo gesto de rebeldia contra as Leis de Deus, e ajudá-los a saírem da perturbação na qual se encontram.

Quanto à ida ao cemitério no Dia de Finados, se antes eu já não ia, agora muito menos, depois de tomar conhecimento de uma carta enviada por um “morto” através do médium Chico Xavier.

O Espírito, cujo corpo foi enterrado nesse dia, relata o sufoco por que passou diante da grande perturbação do ambiente espiritual da necrópole. Essa carta psicografada está publicada no livro Cartas e Crônicas, disponível na Livraria do CEERJ (tel.: 2224-1244).

Por fim, sugiro a seguinte prece:

“Jesus”! Para aqueles que me antecederam na viagem em direção ao mundo espiritual, e que prosseguem ligados ao meu coração, apertado pela saudade, rogo as Tuas bênçãos banhadas na luz da Infinita Bondade.

Ajuda-os, Senhor, para que tenham forças a fim de continuarem na vida espiritual trabalhando pelo bem rumo à Vida Eterna. E quando tiverem a Tua permissão, possam vir ao meu encontro, para enxugar minhas lágrimas derramadas pela dor da saudade que sinto diante da ausência deles.

Que Assim Seja, Senhor!”“.

**Gerson Simões Monteiro**, A oração ajuda os desencarnados.

– O Consolador – Nº 176 – 19/09/2010

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LVIII)

### Patente conforto

Pensemos nos pais e mães que se separam de seus filhos pelo fenômeno biológico da morte, seja quando partiram antes ou quando eles, os filhos, se anteciparam à partida dos pais.

Pensemos ainda nos que se aturdem no apego aos bens materiais e que igualmente se afligem com a possibilidade de se separarem daquilo que consideram seu tesouro.

Pensemos também em criaturas explosivas, que não conseguem controlar momentos de ira e agressividade.

Estendamos o pensamento para aqueles que se desesperam e se atiram ao suicídio, à depressão ou à tristeza que não conseguem superar. Ou ainda os que se escravizam nos vícios e nas dependências de toda ordem...

Não é preciso continuar. Outras tantas dificuldades e tragédias morais se estendem à nossa análise, diariamente. Muitas vezes com pessoas distantes, outras vezes dentro do próprio lar e, em quantas outras ocasiões, dentro de nós mesmos.

Pois eis que conforto incomparável está à nossa disposição através do conhecimento espírita. Páginas luminosas iniciadas com a Codificação Espírita, em 1857, e que se multiplicaram através das décadas em livros e livros que ensinam, confortam, explicam, orientam. Livros e conhecimentos que inspiraram muitos autores a igualmente produzirem outros livros e textos como multiplicadores da confortadora mensagem, como esta, que reproduzimos abaixo, parcialmente:

“(...) Quantas mães, após terem bebido nas suas fontes, não recobram o ânimo abatido com a perda do filho querido e direcionaram este amor para outras crianças, reconhecendo que as fronteiras da consanguinidade devem ser derrubadas pelo nosso envolvimento com a dor alheia, que não cessa em parte alguma! Quantos sovinas, folheando algumas das páginas dos livros desta Doutrina não reconheceram que de nada lhes adiantaria amontoar tesouros e perder a alma e que o túmulo confisca qualquer apropriação indébita que a ambição reclame! Criaturas explosivas, com o tempo, tornaram-se brandas, ao contato destas lições, e mais ponderadas, tornaram-se ao ponto de olhar sem malícia, falar com sabedoria e caminhar com acerto! Quantos corações desesperançados e às portas do suicídio não retornaram para os chamamentos da vida, depois de ouvirem expressiva lição que lhes tocou as fibras internas e desconhecidas! Qual Madalena, contam-se aos milhares aqueles que abandonaram as sendas do vício e da queda moral e se levantaram determinados, e foram comportando-se de maneira que os traços dos verdadeiros espíritos fossem identificados com segurança. Vários lares reestruturaram-se sob a influência desta Doutrina de Luz e milhares de instituições voltadas à seriedade filantrópica foram erguidas e resistem às dificuldades, aplicando o uso da Fé Racional (...)”.

O texto, transcrito parcialmente do último capítulo, é do romance A Derradeira Esperança, ditada pelo Espírito Yvonne do Amaral Pereira ao médium Alaor Borges Junior. Na saga dos personagens, toda a lucidez do conteúdo doutrinário que nos ajuda a compreender a vida, vencer as dificuldades e trabalhar por nós mesmos e por um mundo melhor. Graças à



## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LVIII)**

inspiração motivadora trazida por esta Doutrina de Amor e Esperança, de Luz e Discernimento, que nos ensina viver...

**Orson Peter Carrara**, Patente conforto – O Consolador – Nº 64 – 13/07/2008.